PLACAR

- AS ARMAS DE BRASIL E ITÁLIA PARA A FINAL
- ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O PREDADOR ROMÁRIO
- OS PREPARATIVOS PARA O JOGÃO DE DOMINGO

Editora Abril
EDIÇÃO ESPECIAL Nº 6 JULHO DE 1994 R$ 3,00

LOS ANGELES TREME COM O JOGO DO SÉCULO:

COMO O BRASIL TE QUERIA, ITÁLIA!

BRASIL 1 X SUÉCIA 0

O baixinho Romário comemora, com o gigante sueco no chão, o gol de cabeça que deu a vitória ao Brasil

Brasil 1,68 m

x 0 Suécia.

FOOTE, CONE & BELDING

BRASIL **1** x **0** SUÉCIA

O campeão do século

Terremoto em Los Angeles

Por **Juca Kfouri,** *de Los Angeles*

Foto de capa: Nelson Coelho

NELSON COELHO

Depois de driblar até o goleiro, Romário toca devagar para o gol. O becão Andersson salva sobre a linha

PEDRO MARTINELLI

Raí, que entrou no segundo tempo no

Seleção joga bem, perde gols, mas inverte a máxima do futebol e mostra que quem não faz, faz. Domingo, contra a Itália, é o dia da desforra de Sarriá. Quem vencer ganha o tetra e será o campeão do século

lugar de Mazinho, tenta a bicicleta para furar o bloqueio da Suécia: as muitas chances perdidas acabaram provocando a magra vitória de 1 x 0

Havia uma pedra no caminho brasileiro para decidir com os italianos, domingo, a hegemonia do futebol mundial. O tetracampeão acabará o Século XX, no máximo, com uma companhia — ou a Alemanha ou quem perder. Mas, para tanto, uma ou essas duas Seleções terão de chegar à final da Copa de 1998, na França. A pedra — ou seria um rochedo? — era a Suécia, a única Seleção, além do Brasil, invicta nesta Copa.

Para demolí-la, Parreira previa dificuldades enormes poucas horas antes da partida. "Não vai ser fácil entrar na defesa deles. Cada vez a Suécia está marcando melhor, com grupos de quatro jogadores, incansáveis." Remover a pedra do caminho — ou o rochedo — exigiria paciência, o aproveitamento total das amplas dimensões do campo do Rose Bowl, em Los Angeles, e muito cuidado com as bolas altas, a jogada que todos conhecem da Suécia, mas que com muita frequência dá certo.

A idéia brasileira passava também por fazer Los Angeles tremer de alegria, com um terremoto de 3, 4, na escala Parreira. Ficou na escala mínima. Ninguém estava ali para brincar e Romário, por exemplo, agradecia a classificação italiana, porque, embora considerasse a Bulgária melhor e favorita, preferia mesmo enfrentar uma equipe que entrará em campo com as mesmas responsabilidades

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Lutando para não perder, os suecos Bjorklund (4) e Roland Nilsson (2) entram com tudo no combate a Bebeto: só o time azul jogou de verdade

do nosso. (Aliás, o grupo dos seis campeões mundiais está hoje reduzido a quatro, porque o Uruguai acabou e a Inglaterra, na verdade, nunca existiu de maneira consistente. Mas Brasil, Itália, Argentina e Alemanha têm se revezado nas Finais, com uma concessão aqui e outra ali. O fato é que Brasil e Itália farão cada um a sua quinta Final).

Antes da Itália — que enfrentará uma viagem de quase seis horas, de Nova Yorque a Los Angeles, com dois zagueiros, Costacurta e Tassoti, suspensos, e com Baggio baleado —, no entanto, tínhamos o tal obstáculo sueco pela frente. Dia 13, dia do Zagalo, aos 13 minutos Zinho perde o gol que poderia ser o de sua redenção. Mas só tinha um time em campo, o inteiro de azul, o Brasil. Os de branco se defendiam com a disciplina tática mais perfeita dos 50 jogos nos Estados Unidos. Por falar nisso, o jogo 51 era uma péssima idéia, o da disputa do terceiro lugar. Jogávamos para estar no 52. E estaríamos.

Só tinha um time em campo, o de azul. Os de branco se defendiam com uma disciplina tática perfeita

Aos 25, o zagueiro Andersson tira na linha o gol de Romário e Mazinho chuta o rebote para fora. Parece mentira! O Brasil deixa a Suécia atordoada, mas o gol não sai. Romário perde outro aos 32. Podia estar 3 x 0. O primeiro tempo — que o time brasileiro fez ser fácil, porque criou, criou e criou sem correr nenhum risco — acaba num incrível, e angustiante, 0 x 0. Quem não faz...

O Brasil volta com Raí porque Mazinho — que coisa! — outra vez não foi o que se esperava dele. Zinho, em compensação, faz uma partida bastante razoável e, aos 9, quase marca um golaço de fora da área. Mas a Suécia reage e o jogo fica mais parelho aos 13 — ei, Zagalo, o que é que há? Aos 17, o capitão sueco Thern mostra que é terno só ao se desculpar pela entrada feia que deu em Dunga e que lhe valeu a expulsão um tanto rigorosa demais. Com dez eles vão se fechar ainda mais. Até quando eles resistirão, embora o Brasil já não crie tanto?

Resistem até os 35, quando Romário inverte a máxima do futebol e mostra que quem não faz, faz. Fez de cabeça, o primeiro que a Suécia toma na Copa, com uma defesa que até então só havia permitido quatro cabeçadas adversárias em seis jogos. O tempo passa ao som de um ritmado olé. Já dava para pensar mais concretamente na Itália, que até hoje perdeu apenas uma final — justo contra nós, em 1970, quando só um podia ser tri —, mas que a exemplo do Uruguai — única Seleção que nos derrotou numa Final, em 1950 — nos submeteu a um sofrimento até hoje não cicatrizado em 1982, na Espanha. E como nós queríamos esta chance de devolver a dor, Itália! Baggio se recuperará a tempo para tentar ser o novo Paolo Rossi? Pode ser, mas os nossos candidatos ao tetra nem cogitam desta hipótese, certos de que entre eles e o time que perdeu no Sarriá existe uma diferença chamada determinação. Tomara — e como! — que tenham razão. O Brasil de chuteiras espera que cada um cumpra com o seu dever.

ROMÁRIO SONHA DUELAR COM BAGGIO

Por **Paulo Vinícius Coelho,** *de Los Angeles*

Os dois maiores craques do planeta em 1993 deverão estar frente a frente no domingo. No confronto entre Roberto Baggio e Romário, estará em jogo o inédito título de tetracampeão mundial, e a chance de ser artilheiro da Copa — cada um tem cinco gols, um atrás do búlgaro Stoichkov, que sábado luta pelo terceiro lugar contra aos suecos, e do russo Salenko, que já voltou para casa. "Eu e Baggio temos feito gols decisivos. Será um duelo interessante", prevê Romário, torcendo para que o italiano se recupere da contusão muscular e jogue. Só pelo prazer de vencer o duelo. "Nossas vitórias são para o povo sofrido do Brasil", dedicou o goleador, enrolado em uma bandeira brasileira após mais uma volta da vitória pelo gramado, no melhor estilo herói nacional popularizado por Ayrton Senna.

A cabeçada salvadora de Romário foi a quinta contra a defesa da Suécia em 110 conclusões na direção do gol de Ravelli em todo o Mundial. No vestiário, os jogadores batucavam e gritavam, a plenos pulmões, "Olê, olê, olê, Brasil, Brasil". Raí alertava: "O sentimento do torcedor, de vingar a derrota de 1982, não pode contaminar o time." O técnico Parreira falava da impotância da seqüência do seu trabalho, iniciado há três anos, e recorria às estatísticas. "Temos o maior número de pontos e de gols", frisava, lembrando que há 24 anos os brasileiros não chegavam a uma Final de Copa. "E serão os campeões", previu o treinador sueco, Tommy Svensson. Já o jornalista italiano Rafaelli Della Vitte, do jornal milanês *Gazzetta Dello Sport*, saiu do Rose Bowl tentando disfarçar. "Esse Brasil que venceu a Suécia dá pena", disparou, antes de confessar sua preocupação: "Mas o Brasil que venceu a Holanda nos causa temor".

Romário tenta passar por Thern (9) e pelo juiz: esperando por Roberto Baggio

A FICHA DO JOGO

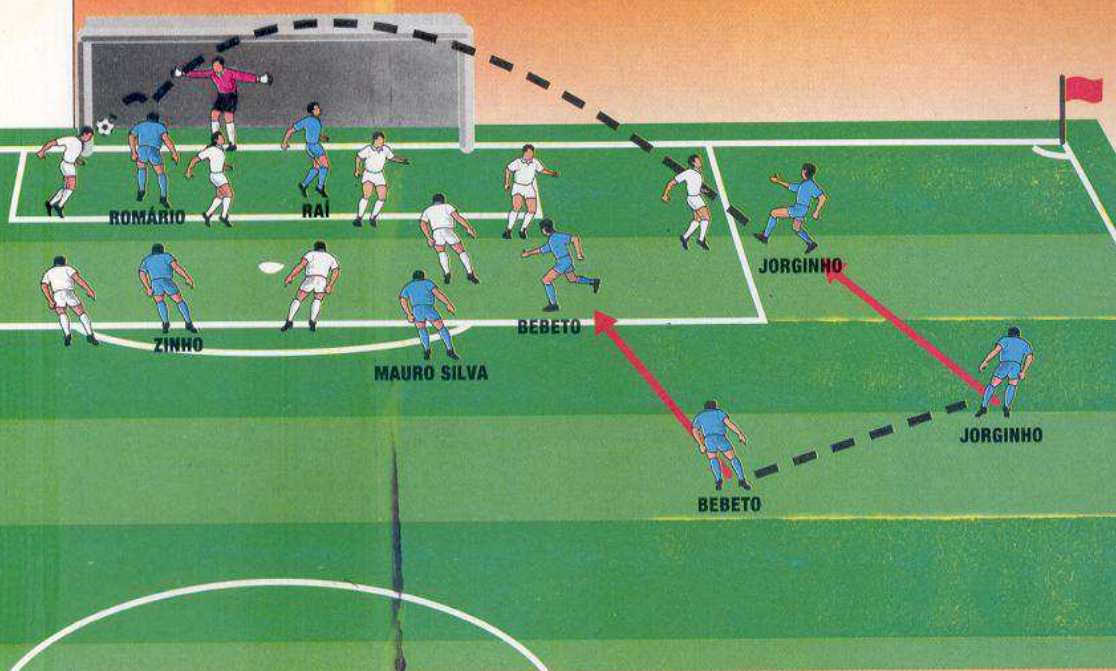
Estádio: Rose Bowl (Los Angeles)
Juiz: José Joaquim Torres Cadena (Colômbia)
Substituições: Raí no lugar de Mazinho, intervalo; Rehn no de Dahlin, 22 do 2º
Público: 91 794
Estado do gramado: bom
Gols: Romário 35 do 2º,
Cartão amarelo: Zinho, Ljung, Thern e Brolin
Expulsão: Thern 17 do 2º

ESCALAÇÕES E NOTAS

BRASIL		SUÉCIA	
(1) TAFFAREL	7	(1) RAVELLI	7
(2) JORGINHO	7	(2) ROLAND NILSSON	6
(13) ALDAIR	8	(4) BJORKLUND	7
(15) MÁRCIO SANTOS	7	(3) ANDERSSON	5
(6) BRANCO	7	(5) LJUNG	6
(5) MAURO SILVA	7	(9) THERN	6
(8) DUNGA	6	(8) INGESSON	5
(9) ZINHO	6	(18) MILD	7
(17) MAZINHO	5	(11) BROLIN	6
(7) BEBETO	8	(10) DAHLIN	5
(11) ROMÁRIO	7	(19) K. ANDERSSON	6
(10) RAÍ	6	(17) REHN	6
TÉCNICO:		TÉCNICO:	
CARLOS A. PARREIRA	6	TOMMY SVENSSON	6

1º TEMPO O Brasil partiu para cima. Zinho, Bebeto e Branco fizeram boas jogadas pelo lado esquerdo do campo. Já a dupla Mazinho e Jorginho não se acertaram e comprometeram o lado direito. Dunga e Mauro Silva dominaram o meio-campo. Romário criou jogadas e perdeu dois gols

2º TEMPO O Brasil dominou todos os 45 minutos. Embora cansados, Jorginho e Branco foram os mais acionados no ataque. Raí entrou pela direita e só embolou o meio-campo. Mesmo com a Suécia recuada, Romário encontrou espaço para finalizar

O LANCE DE PLACAR

35 do 2º Os minutos finais se aproximam e o jogo é dramático. O Brasil insiste com Jorginho pela direita, até que Bebeto toca para o lateral. Ele cruza de perna direita, a bola passa por seis gigantes — Raí e cinco zagueiros suecos — que não a alcançam, encontrando a cabeça de Romário. O Baixinho testa fraco e colocado. Ravelli nem se mexe: 1 x 0

DESEMPENHO DOS JOGADORES

DEFESA

Foi perfeita. Não correu riscos em momento algum do jogo. Ganhou todas as bolas cruzadas por cima e lançadas por baixo. Aldair vai se firmando como um dos maiores zagueiros da Copa dos Estados Unidos, e Branco outra vez foi bem

MEIO-CAMPO

Falta alguém e está difícil achar. O técnico Parreira tinha razão. Era para ser Raí, não está sendo, mas Mazinho também não mostra o que é preciso para jogar no setor mais importante do campo

ATAQUE

O Brasil criou nove situações de gol durante a partida. Isso basta para mostrar o quanto o ataque foi eficiente na criação. Mas definitivamente não estava feliz nas finalizações. Só Romário perdeu duas oportunidades de gol certo. Quem sabe tenha guardado para a Itália, no próximo domingo

O PIOR

Se esforçou, tentou, perdeu um gol feito no primeiro tempo, tem sido uma decepção para tantos que apostavam nele como solução no meio-campo brasileiro. Parece que Mazinho é daquele tipo de jogador de clube, porque está tímido demais e, ontem, prejudicou o lado direito

O MELHOR

Bebeto, sem dúvidas. É certo que no segundo tempo seu rendimento caiu em relação ao primeiro, mas o que fez nos quarenta e cinco minutos iniciais lhe valeu o título de melhor em campo. O atacante do La Coruña queria porque queria o gol. Não fez. Tudo bem. Mas deixou Zinho e o próprio Romário na cara do gol

ILUSTRAÇÕES ART COR E FORMA

VOCÊ SABIA...

■ Que Carlos Alberto Parreira já está em quarto lugar entre os técnicos com mais vitórias em Copas do Mundo dirigindo a Seleção Brasileira?
Ele já venceu cinco vezes (em seis jogos), assim como Aimoré Moreira. Vicente Feola ganhou seis das nove partidas que fez à frente do time canarinho; Telê Santana oito, em dez participações; e Zagalo nove, em treze jogos como treinador do Brasil.

■ Que Taffarel já é o nono jogador entre os que mais partidas oficiais fizeram com a camisa da Seleção Brasileira?
Ele tem 78 jogos pelo Brasil, número idêntico ao de Zico. Participando da Final de domingo, Taffarel alcançará Júnior, que defendeu o Brasil 79 vezes.
Logo atrás de Taffarel vem Bebeto, com 77 partidas oficiais com a camisa canarinho.

■ Que se o Brasil ganhar o tetracampeonato, Zagalo será o único integrante a ter participado das quatro conquistas da Seleção: em 1958 e 1962 como jogador; em 1970, como técnico; e este ano como coordenador técnico.

■ Que o zagueiro Aldair — convocado pela primeira vez em 1988 — disputou até a Semifinal contra a Suécia 26 partidas oficiais pela Seleção Brasileira, em duas Copas (1990 e 1994). Ele jogou menos do que seu companheiro Márcio Santos, que atuou 36 partidas e está participando de seu primeiro Mundial. Edinho, que esteve em três Copas (1978, 1982 e 1986), é o zagueiro recordista em partidas pela Seleção com 68 jogos.

■ Que Romário com o gol marcado contra a Suécia, ontem, já é o quinto maior artilheiro brasileiro, junto com Vavá, em uma única Copa do Mundo. E que com o jogo da Final, no domingo, poderá alcançar e até ultrapassar o rei Pelé. Confira:

COPA	JOGADOR	GOLS
1950	Ademir	9
1938	Leônidas	7
1970	Jairzinho	7
1958	Pelé	6
1958	Vavá	5
1994	Romário	5

AGÊNCIA O GLOBO

Vavá marca de cabeça na Semifinal da Copa de 1962: Brasil 4 x Chile 2. Era o bi a caminho

Pela oitava vez, o penúltimo passo

Dizem que em Copa do Mundo todo jogo é uma decisão de título. Tem sentido, mas não há como negar que existem certas partidas dentro da competição que, por suas características, carregam forte carga dramática antes mesmo da bola começar a rolar. É o caso das Semifinais. Afinal, aqueles que vencem esses jogos carimbam o passaporte para a decisão do Mundial; os que perdem... Bem, os perdedores são os que *quase* chegaram lá.

O Brasil disputou, contra a Suécia, a oitava Semifinal de sua história — uma partida que é o carimbo no passaporte para a grande decisão

A partida contra a Suécia foi a oitava Semifinal disputada pelo futebol brasileiro — o Brasil já havia chegado a essa etapa nas Copas de 1938, 1950, 1958, 1962, 1970, 1974 e 1978 —, que pela quinta vez garantiu sua presença na Final. Em 1938, na França, a Seleção perdeu para a Itália por 2 x 1, na lendária partida do pênalti de Domingos da Guia sobre Piola. Em 1950 — com o Maracanã inteiro cantando "Fui às touradas de Madri" —, uma sonora goleada brasileira sobre a Espanha por 6 x 1. Em 1958, na Suécia, a Semifinal foi contra a França, que contava com o superartilheiro Just Fontaine, autor de treze gols naquele Mundial, um recorde que perdura até hoje. "Vencemos por 5 x 2, mas o resultado não reflete o que foi a partida", ressalta o ex-goleiro Gilmar. "De Sordi se contundiu e ficamos em situação difícil *(N.R.: na época não eram permitidas substituições durante o jogo),* até que o lateral Jonquet sofreu uma fratura e abandonou o campo. Só quando Vavá começou a explorar aquele setor da defesa francesa foi que tomamos conta do jogo."

Em 1962, no Chile, o adversário não era dos mais poderosos, mas jogava em casa. A Seleção Chilena foi o último obstáculo superado pelo Brasil antes de chegar à Final. "O time deles tinha apenas dois bons jogadores. Fiz dois gols naquele dia e ganhamos até com certa facilidade", lembra o artilheiro Vavá. "Num jogo de Semifinal, é preciso entrar com tudo. Fizemos exatamente isso: atropelamos o Chile."

Mas foi em 1970, no México, contra o sempre difícil Uruguai, que o Brasil disputou a sua mais dramática Semifinal. O time do tri pisou no gramado assustado pelo fantasma da derrota sofrida em 1950, quando os uruguaios estragaram a festa brasileira em pleno Maracanã, vencendo a Final da Copa por 2 x 1. "Entramos em campo nervosos e nem Pelé, Tostão, Gérson e Rivelino, nossos principais jogadores, conseguiam se manter calmos. A vaga para a Final estava ligada à derrota de vinte anos antes", admite o então volante Clodoaldo, que acabou se tornando o herói da virada canarinho. "No final do primeiro tempo, intuitivamente abandonei minha posição e fui para o ataque. Recebi um passe do Tostão dentro da área e empatei o jogo. Depois do intervalo, voltamos mais tranqüilos e a vitória veio com a maior naturalidade", relembra.

ABRIL

Semifinal de 1970: Clodoaldo faz o primeiro da vitória de 3 x 1 sobre Uruguai

FICHAS TÉCNICAS

24/unho/1958
BRASIL 5 X FRANÇA 2
Local: Estádio Rassunda (Estocolmo)
Juiz: B. Griffiths (País de Gales)
Público: 32 000
Gols: Vavá 2, Fontaine 9, Didi 39 do 1º; Pelé 7, 19, 30 e Piantoni 38 do 2º;
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo.
Técnico: Vicente Feola
FRANÇA: Abbès, Kaelbel, Lerond, Penverne e Jonquet; Marcel e Wisnieski; Fontaine, Kopa, Piantoni e Vicent. **Técnico:** Albert Batteux

13/junho/1962
CHILE 2 X BRASIL 4
Local: Estádio Nacional (Santiago)
Juiz: A. Yamazaki (Peru)
Público: 76 000
Gols: Garrincha 9, 31, Toro 41 do 1º; Vavá 3, Sánchez 16 e Vavá 32 do 2º;
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira
CHILE: Escuti, Eyzaguirre, Rodríguez, Contreras e R. Sánchez; Rojas e Ramírez; Toro, Landa, Tobar e L. Sánchez. **Técnico:** Fernando Riera

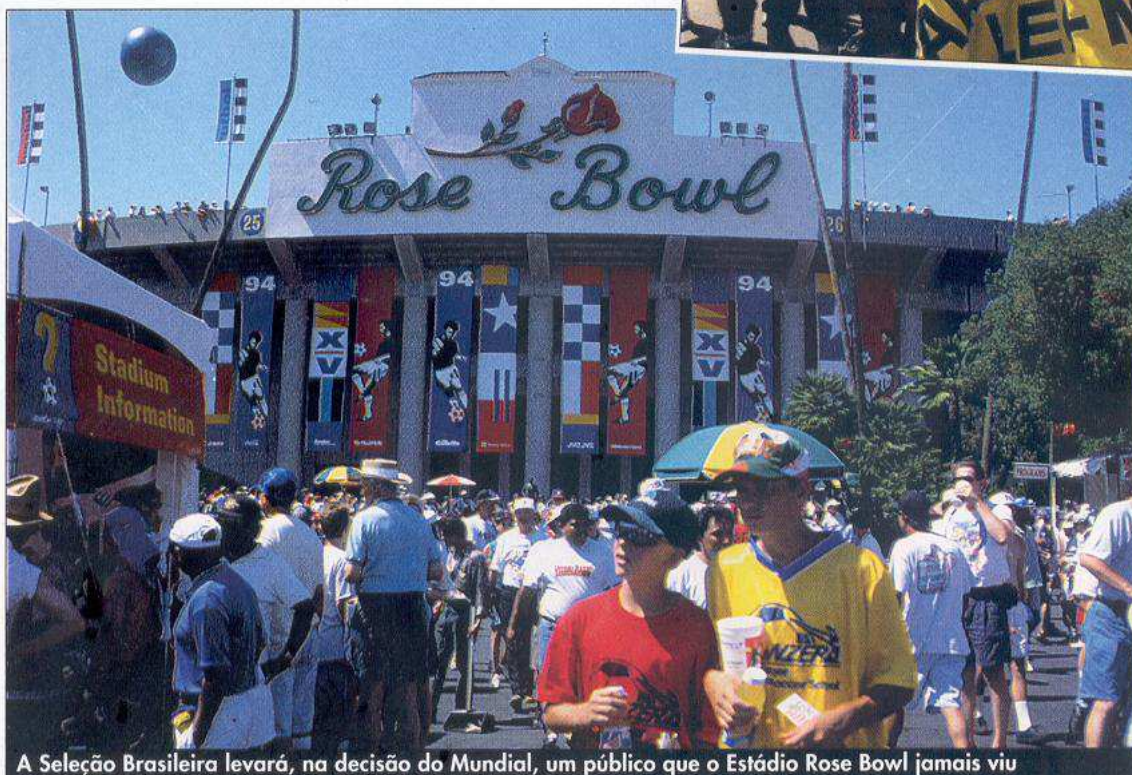
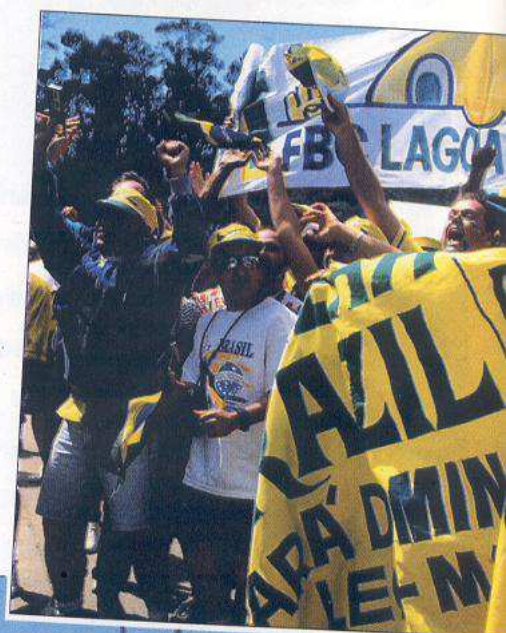
17/junho/1970
BRASIL 3 X URUGUAI 1
Local: Estádio Jalisco (Guadalajara)
Juiz: J. Mendibil (Espanha); **Público:** 51 000
Gols: Cubilla 19, Clodoaldo 44 do 1º; Jairzinho 31 e Rivelino 44 do 2º;
BRASIL: Félix, Carlos A. Torres, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagalo
URUGUAI: Marzukiewicz, Ubinas, Ancheta, Mujica e Matosas; Montero Castillo e Cubilla; Cortes, Maneiro (Esparrago), Fontes e Morales. **Técnico:** Eduardo Hoberg

O grande dia do futebol

O Brasil disputa a Final no domingo com todos os ingressos do estádio vendidos e uma audiência garantida de 2 bilhões de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro

Quando entrar em campo, por volta das quatro e meia da tarde de domingo (horário de Brasília), o Brasil estará dando o último passo em busca do tão ardentemente sonhado título de tetracampeão do mundo. Nas tribunas do estádio Rose Bowl, porém, os papas da FIFA estarão comemorando antecipadamente outras vitórias. Afinal, cercado de muitas dúvidas antes de seu início, o Mundial dos Estados Unidos foi o melhor tecnicamente dos últimos tempos, deu lucros de fábula e fez até os americanos se interessarem pela novidade. "Mais de 32 milhões de americanos assistiram à partida Estados Unidos e Brasil, nos oferecendo um recorde de 10,5 pontos de audiência", entusiasma-se Mark Mandel, diretor de produção da gigantesca rede de televisão ABC. "As estimativas para a decisão não são precisas, mas sabemos que de novo outros milhões de pessoas vão assisti-la." Uma coisa, porém, é certa. As imagens geradas pela ABC no domingo serão vistas por 2 bilhões de telespectadores de todo o mundo. Ou seja, um entre três habitantes do planeta estará vendo ao vivo o endiabrado artilheiro Romário levar à loucura os zagueiros adversários.

No Rose Bowl, os organizadores estarão comemorando um recorde na história das Copas: com os ingressos para a Final praticamente já esgotados, o Mundial atingirá a fantástica marca de 3,5 milhões de torcedores presentes aos estádios americanos. De quebra, a FIFA assegurou outra marca ao vender 97,5% dos ingressos disponíveis para toda a Copa. Isso apesar do preço mais caro para a Final de domingo atingir inacreditáveis 1 500 dólares (cerca de 1 380 reais, ou 21 salários mínimos brasileiros).

Assim, mesmo se nenhum novo ingresso for vendido até a hora da decisão, o Rose Bowl receberá um público de 94 000 pes-

A Seleção Brasileira levará, na decisão do Mundial, um público que o Estádio Rose Bowl jamais viu

FOTOS NELSON COELHO

Antes do jogo, os americanos programaram uma comportada festa de encerramento. Depois, a torcida brasileira promete fazer seu carnaval no bonito estádio localizado em Pasadena

Só jornalistas, serão 700 profissionais trabalhando durante a maior festa do futebol mundial

PEDRO MARTINELLI

soas, bem superior aos 73 603 registrados no Estádio Olímpico de Roma para assistir à decisão entre Alemanha e Argentina, há quatro anos. São números que apenas confirmam o avanço técnico do futebol na Copa nos Estados Unidos, em relação ao Mundial de 1990. Além da maior presença de público (média de 67162, antes da decisão, contra 50 420 da Itália), aumentaram o número de gols, de bola rolando e de cartões amarelos. Não será à toa, portanto, que 1 500 jornalistas de todo o mundo se acotovelarão pelos corredores do Rose Bowl em busca das melhores informações.

Tudo isso obrigou os organizadores a alterarem o sistema de segurança. Serão 700 policiais trabalhando no domingo — esse número não inclui os policiais de Pasadena, que também estarão no estádio —, contra os 400 utilizados nas partidas anteriores. O esquema começa com a chegada deles às 5 da manhã do dia do jogo. "Será muito mais difícil trabalhar aqui do que em qualquer decisão de futebol americano ou baseball", espanta-se o segurança Shakir Ahmad, de 24 anos.

Os organizadores também recomendam que os torcedores mudem sua rotina e cheguem mais cedo ao estádio. Primeiro, para evitar complicações desnecessárias de última hora. Depois, para poder assistir à cerimônia de encerramento da Copa do Mundo, com início marcado para uma hora antes da partida e que terá como destaques as apresentações dos cantores americanos Kenny G. e Whitney Houston. Nesse ponto, no entanto, a FIFA tirou parte da autonomia dos americanos, que pretendiam começar a cerimônia às 15h45. Mas como futebol é o que o mundo inteiro quer ver, os dirigentes optaram em antecipá-la em meia hora, dando mais tempo para o aquecimento das equipes. Um aquecimento que, em PLACAR, já começou: nas páginas seguintes, o leitor encontra tudo que precisa saber sobre a Seleção Brasileira e o adversário que tentará brecar a conquista do tetracampeonato mundial.

Brasil

FINALIZAÇÕES

O Brasil tem o quinto melhor ataque deste mundial com 78 finalizações. Desse total, 35 foram em direção ao gol — duas bateram na trave —, 29 foram desperdiçadas e 14 bloqueadas. Romário (18) e Bebeto (19) são os atacantes que mais chutam no time brasileiro. Juntos, representam 47% do total de chutes da Seleção.

CHUTES A GOL

O Brasil é o time que mais chutou contra o gol adversário de dentro da área. Do total de finalizações, 56% foram de dentro e 44% de fora.

PÉ BOM

O Brasil concentra sua força no pé direito. Dos 74 arremates a gol, 59 foram com o pé direito e apenas 15 como esquerdo.

DESEMPENHO BRASILEIRO EM GOLS

Tempo	Minutos	Pró	Contra
1º	1 aos 15	0	0
1º	16 aos 30	1	1
1º	31 aos 45	1	0
2º	1 aos 15	3	0
2º	16 aos 30	4	2
2º	31 aos 45	1	0

IDADE E ALTURA

O time brasileiro tem média de idade de 27,6 anos e 1,78 m de altura.

DEFESA

Nossa defesa permitiu que os adversários finalizassem 38 vezes contra o gol de Taffarel: 18 de dentro da área — quatro de cabeça — e 20 de fora.

PAGLIUCA
MALDINI
COSTACURTA
ALBERTINI
ROMÁRIO
BEBETO
MUSSI
MAZINHO
ZINHO
DUNGA
BENARRIVO
DINO BAGGIO
BRANCO
BERTI
M. SILVA
SIGNORI
JORGINHO

O MAPA DA VITÓRIA BRASILEIRA

As subidas constantes do lateral Benarrivo abrem um clarão no lado esquerdo da defesa italiana. Bom para a o trio Jorginho/Mazinho/Bebeto, que pode explorar o espaço para triangulações e jogadas de linha de fundo. Do outro lado, Zinho deve jogar mais avançado, encostando em Romário. Juntos, podem envolver o lateral Mussi. A zaga italiana é mais vulnerável sem o líbero Franco Baresi

DISCIPLINA

O Brasil é um dos países mais disciplinados do Mundial dos Estados Unidos: recebeu apenas cinco cartões amarelos e um vermelho.

FALTAS

O time brasileiro comete em média 10 faltas por partida. Dunga é o campeão no assunto: 10 infrações — 20% de todas as faltas cometidas pela Seleção. Já nossos atacantes sofreram 65 faltas.

ARTILHEIRO

Romário, 28 anos, 1,68 m, joga no Barcelona da Espanha. Marcou quatro dos dez gols do Brasil: todos em arremates de dentro da área.

PERFORMANCE

tiros livres	0
chutes a gol	11
chutes desperdiçados	4
chutes bloqueados	3
impedimentos	8
faltas cometidas	2
faltas sofridas	9
cartão amarelo	0

JOGO AÉREO

O Brasil lançou 55 bolas aéreas na área adversária e só conseguiu cabecear quatro vezes.

ESCANTEIOS

Enquanto o ataque provocou 16 escanteios em cinco jogos, a defesa cedeu 23 .

Obs.: todos os números se referem às partidas realizadas até as quartas-de-final

Itália

DESEMPENHO ITALIANO EM GOLS

Tempo	Minutos	Pró	Contra
1º	1 aos 15	0	1
1º	16 aos 30	1	1
1º	31 aos 45	0	0
2º	1 aos 15	1	2
2º	16 aos 30	1	0
2º	31 aos 45	2	0

Obs.: A Itália marcou ainda um gol durante a prorrogação do jogo contra a Nigéria.

IDADE E ALTURA

A média de idade dos jogadores italianos é de 27,4 anos e 1,79 m de altura.

DEFESA

Em suas cinco primeiras partidas, a Itália permitiu que os adversários chutassem 60 vezes contra o gol de Pagliuca: 23 de dentro da área — cinco cabeçadas — e 37 de fora.

FINALIZAÇÕES

A Itália finalizou 74 vezes contra o gol adversário: 24 chutes foram em direção ao gol, 30 desperdiçados e 20 bloqueados. Roberto Baggio é o jogador que mais chuta a gol: 18 vezes.

CHUTES A GOL

Do total de chutes dados pelo time italiano, 51% foram de fora da área e 49% de dentro. Roberto Baggio é o jogador que mais arrisca de longe: oito vezes.

PÉ BOM

A Seleção Italiana trabalha mais com a perna direita do que com a esquerda. Dos 64 chutes dados pela equipe, 43 foram de direita e 21 de esquerda.

JOGO AÉREO

A Itália fez 21 cruzamentos sobre a área adversária e conseguiu desferir 10 cabeçadas a gol.

ESCANTEIOS

A Itália é o segundo time que mais escanteios cedeu nesta Copa do Mundo: 31. Enquanto isso, seu ataque conquistou 23 tiros de canto.

ARTILHEIRO

Roberto Baggio, 27 anos, 1,74 m, joga na Juventus. Marcou três dos seis gols da Itália: um de pênalti e dois de chutes de dentro da área.

PERFORMANCE

tiros livres	1
chutes a gol	6
chutes desperdiçados	7
chutes bloqueados	5
impedimentos	2
faltas cometidas	5
faltas sofridas	18
cartão amarelo	0

DISCIPLINA

O sangue quente dos italianos as vezes extrapola em campo. Em cinco jogos, o time recebeu sete cartões: cinco amarelos e dois vermelhos.

FALTAS

Os italianos mais apanham do que batem. Enquanto a defesa cometeu 58 infrações, o ataque sofreu 104. É o time que mais faltas recebeu neste Mundial até agora. Só Roberto Baggio sofreu 18 faltas.

ILUSTRAÇÕES ART COR E FORMA

O MAPA DA VITÓRIA ITALIANA

Roberto Baggio sofrerá forte marcação de Mauro Silva e Dunga. Se continuar fixo no ataque, terá poucas chances para marcar gols. A correria de Signori, com o apoio de Benarrivo pela esquerda, pode ser um bom caminho, especialmente porque Jorginho é o lateral brasileiro que mais apóia. Nos cruzamentos, Dino Baggio e Massaro devem explorar a insegurança da zaga brasileira e do goleiro Taffarel nas bolas altas

"O futebol no Brasil não é de verdade"

O artilheiro da Seleção continua falando o que pensa: diz que não dá carrinho só para fazer média, mira nos cartolas e garante que não é o diabo que pintam

Por* Juca Kfouri, *de Los Angeles

Olhar é o mesmo de sempre. Para a maioria, um olhar desconfiado, quase aborrecido. Para os que o conhecem melhor, um olhar revelador, aquele que caracteriza as pessoas capazes de ver além, que sabem o que falam e para quem falam. Romário é assim. Dá uma entrevista do mesmo jeito que joga. Se faz de desentendido, permite ao entrevistador, como a seus marcadores, a vaga sensação de que não está num bom dia. Mas, de repente, do mesmo jeito que faz em campo, atinge o alvo, revela o que tem de especial. Aos 28 anos, Romário de Souza Farias, vive seu melhor momento com a consciência de que só está nesta Seleção porque o atacante Müller não podia enfrentar o Uruguai pelas Eliminatórias, no ano passado. Naquele jogo inesquecível no Maracanã, quando marcou os dois gols que valeram a classificação brasileira, ele começou a escrever uma história que tem tudo para acabar dando à Copa dos Estados Unidos um outro nome: a Copa do Romário. Com 45 jogos oficiais pela Seleção, 29 gols, o artilheiro está tão concentrado que se diz preparado até para perder a decisão do próximo domingo, embora revele uma confiança absoluta no tetra. Nada parece desviá-lo do objetivo e suas palavras nesta entrevista concedida à **PLACAR** apenas comprovam que a torcida pode acreditar também em sua cabeça.

PLACAR — Para nós a Copa está sendo do Romário. E na sua avaliação?
Romário — Até agora, sim. Porque, mais do que os gols que fiz, o importante é que foram marcados no momento certo. O gol é sempre válido, mas fazer o terceiro gol num 2 x 0 não é a mesma coisa que marcar o primeiro gol. E tenho feito quase sempre o primeiro, ou passado para o Bebeto fazer.

PLACAR — No segundo gol contra a Holanda, o seu fingimento de que aquela bola não era para você foi formidável, cômico até. Você percebeu mesmo que o desenlace poderia ser o gol do Bebeto?
Romário — É, eu estava em impedimento, voltando de uma jogada. Quando o Branco cabeceou, vi que o Bebeto estava em posição de receber a bola, com os holandeses prestando atenção em mim. O que eu fiz? Continuei caminhando, como se não estivesse vendo a bola, mas sabendo que estava passando por mim. Nem olhei para ela, só me preparei para quando o Bebeto a pegasse eu pudesse voltar, que foi o que eu fiz.

"É claro que, economicamente, minha vida mudou. Hoje posso ter tudo que queira, mas continuo humilde, sim. Mantenho os amigos da minha origem e sempre me preservei"

FOTOS PEDRO MARTINELLI

PLACAR — Já na cobrança de falta do Branco se você não tira o corpo o terceiro gol não sai...
Romário — O Branco sempre bate muito forte. Ele só podia bater ali, onde a bola entrou e eu, sabendo disso, resolvi ficar na frente, para atrapalhar o goleiro. Minha saída foi no puro reflexo, se demoro mais um milésimo a bola bate em mim.

PLACAR — Tudo isso estava nos planos, nos sonhos do menino Romário?
Romário — Desde que fui ao Maracanã pela primeira vez, com o meu pai para ver um jogo do América, eu sabia que iria ser como aqueles jogadores. Eu tinha oito anos.

PLACAR — De menino pobre a milionário, como você se estruturou para não ficar deslumbrado com tanta mudança?
Romário — É difícil. Basta ver quantos caras que se perdem. É claro que, economicamente, minha vida mudou muito. É natural. Hoje posso ter tudo que queira, mas continuo humilde, por mais que muita gente possa pensar que não. Sou humilde, sim, mantenho os amigos da minha origem e sempre me preservei.

PLACAR — Ou sempre manteve uma postura desconfiada em relação a quem se aproxime de você?
Romário — Não nego que sou uma pessoa desconfiada. Mas também sou uma pessoa aberta, prefiro acreditar a não acreditar no ser humano até ter uma prova em contrário. Só que, apesar ainda de minha pouca idade,

de minha pouca experiência, percebo quem se aproxima por interesse, o que me faz ter milhões de conhecidos e poucos amigos.

PLACAR — Você não tem medo de passar pelo que o Maradona tem passado?
Romário — Nunca passou pela minha cabeça. Apesar de muita gente me olhar como um cara polêmico, problemático, influenciada pelas notícias negativas que saem sobre mim, sou um cara que sabe da sua origem, graças a Deus sem vício nenhum.

PLACAR — Quer dizer que você não se faz de sonso só em campo?
Romário — Pois é, essa é uma coisa que sempre me caracterizou. Aquele tipo que parece que está meio dormindo e que, de repente, vai lá e decide o jogo. Esta é uma qualidade que eu tenho.

PLACAR — É uma falsa impressão ou você fez a cabeça da comissão técnica para que as coisas fossem feitas a seu modo? Você parece ter convencido o Parreira e companhia no sentido de que iria se preservar, porque já estava pronto para jogar a Copa. Você teve essa conversa?
Romário — Não, não tive essa conversa, mas eles sabiam disso. O Romário que está aqui nesta Copa é o mesmo que já esteve em qualquer outro lugar. Só que aqui não estão saindo coisas sobre mim, vindas do próprio grupo. Ou seja, a comissão técnica não está falando de mim aquilo que falava antes. Não é que o Romário tenha mudado. Apenas estamos vivendo o momento mais importante da Seleção desde 1970 e eu, o momento mais importante da minha vida. Mas continuo falando o que penso. É que neste momento as coisas estão sendo feitas corretamente no meu modo de ver.

PLACAR — Você conversa bastante com o Parreira?
Romário — Não, a gente, na verdade, nunca conversou.
PLACAR — Mas como?! Ele não conversa com a maior estrela do time? Em qualquer lugar do mundo o comandante fala muito com seu principal liderado, não?
Romário — Aqui é totalmente diferente (rindo). Eu sou o cara com quem ele menos fala. Até hoje a gente conversou mesmo só uma vez, quando passei algumas coisas que eu achava e ouvi dele outras. E foi agora, não faz muito tempo, não. Claro, a gente conversa informalmente. Às vezes coincide de sentarmos juntos para jantar, essas situações do dia-a-dia.

PLACAR — Como você interpreta isso?
Romário — Acho que é mais ou menos como a gente já falou. Acho que o Parreira e o Zagalo descobriram que sou apenas mais um jogador, como qualquer outro, com a diferença de ser um cara franco, que se um deles fizer besteira, eu vou falar. Mas vou falar para eles, não para os jornalistas. Acho que eles se conscientizaram disso e até agora está tudo perfeito.

"Deus não faz nada por nada. Se o Müller joga contra o Uruguai e o Brasil ganha, ou não me chamariam ou eu estaria como o Viola: se der, joga; se não der, não joga"

PLACAR — Voltando ao seu jeito de se preservar, até nos jogos você tem evitado as chamadas bolas podres, não?
Romário — Se tiver meio a meio, eu vou. Se tiver 51% a 49% para o adversário, é bobagem me expor. Não pipoco; não sou é burro. E também não dou carrinho só para aparecer para torcida.

PLACAR — Tem muita mentira no mundo do futebol?
Romário — Não é por outro motivo que continuo a pensar em parar de jogar aos 30 anos, por mais que adore o futebol. Tem muita falsidade, muita desonestidade. Principalmente no futebol brasileiro que, em vez de agradecer pelo fato de ter um jogador como eu, que fala o que os outros não têm coragem de dizer, é capaz de começar com a onda de que eu estou velho — essas injustiças que fizeram com o Roberto Dinamite, um dos maiores craques que já tivemos. Quer saber, estou cansado de falar uma coisa hoje, todo mundo achar que é bobagem, que é coisa do Romário, e, passado um tempinho, ver acontecer exatamente o que eu disse.

PLACAR — O futebol brasileiro é pior que o europeu na direção?
Romário — Claro que é. O cartola brasileiro é muito desonesto, muito falso. O futebol no Brasil não é de verdade. Só eu sei o que já me enrolaram. É preciso profissionalizar os dirigentes.

PLACAR — E se o Brasil perder domingo, você está preparado?
Romário — Estou preparado para tudo. Se a gente vencer eu vou ser um — eu disse *um* — dos responsáveis, junto dos treinadores e dos outros jogadores. Mas insisto que assumo minhas responsabilidades, por mais que eu saiba que, quando se perde, os culpados são sempre aqueles que mais aparecem, como vi acontecer na Copa de 1990. Estou nesse meio. Tenho certeza de que a gente vai ganhar, mas se não der, saio tranqüilo, porque estou dando tudo que tenho. Saio dos jogos quase sem poder andar. Mas tenho fé em Deus que a gente vai ganhar, porque estamos dando aqui o que as outras Seleções não deram em 24 anos.

PLACAR — O que você quer falar que ainda não tenha dito?
Romário — Acho que já falei tudo. Só gostaria que as pessoas não acreditassem em tudo que se publica a meu respeito, contra e a favor. Não sou o diabo que pintam.

PLACAR — Mas a unanimidade em torno de sua convocação foi impressionante, e você ainda acha que sua imagem é ruim?
Romário — Talvez agora não esteja sendo. Mas tenho consciência de que só estou aqui porque o Müller não pôde jogar contra o Uruguai. Deus não faz nada por nada. Se ele joga e o Brasil ganha, ou nem me chamariam mais, ou eu estaria aqui como o Viola: se der para jogar, joga; se não der, não joga.

Batendo firme nos críticos

Em meio à discussão sobre as melhores Seleções Brasileiras de todos os tempos, alguns dos mais importantes craques da atual têm opiniões bem definitivas sobre os times de 1982 e 1986, sobrando críticas para Telê Santana — um pouco como reflexo das críticas que ele tem feito como comentarista do SBT — e seus ex-comandados.

Dunga, por exemplo, não se conforma com o fato de Telê, depois de ter sido tão gozado por Jô Soares às vésperas da Copa da Espanha — "Bota ponta, Telê!"—, hoje trabalhar ao lado do humorista. E pergunta: "Que esquema ele tinha de tão fantástico que, em 1982, depois de treinar meses o Paulo Isidoro na ponta-direita, acabou estreando com o Dirceu por ali?" E mais: "Naquela Copa ganhamos roubado da União Soviética, pegamos duas "babas" chamadas Escócia e Nova Zelândia, derrotamos uma Argentina se desfazendo e paramos na Itália. Que time inesquecível é esse?"

NELSON COELHO

Dunga entra rachando: Seleção de Telê de 1982 só ganhou de "baba"

Romário também bate forte: "Qual é o lugar do Zico na história do futebol brasileiro? O que ele fez?" Quando ouve que, entre outras coisas, o Galinho foi campeão mundial pelo Flamengo, o Baixinho fulmina: "Pois é, ele está na história do Flamengo, não da Seleção. E olha que disputou três Copas".

Os tricampeões de 1970 também são vistos com desconfiança. Os comandados de Parreira julgam que, com exceção de Tostão, todos os demais torcem contra o tetra, com medo de deixarem de ser reverenciados como os últimos heróis do nosso futebol. Inclusive o Rei Pelé.

Entre os veículos de comunicação, a Rede Bandeirantes foi eleita a Inimiga Pública Número 1 da Seleção pelos próprios atletas.

Finalmente, é Dunga quem volta a indagar: "Por que, em 1986, um time com jogadores mais experientes como Edinho (31 anos, à época), Alemão e Elzo (ambos com 25), permitiu que novatos como Branco (22 anos) e Júlio César (23) batessem os pênaltis contra a França?".

Se o tetra vier, mais chumbo grosso à vista.

PASSE CURTO

REUTER

Gol de Lechkov: cai o comunismo e a Bulgária elimina a Alemanha

O PROBLEMA ERA DO COMUNISMO

O fim do comunismo parece ter feito bem ao futebol dos países da antiga Cortina de Ferro. A Bulgária, por exemplo, jamais havia vencido uma única partida das 16 que jogou nas cinco Copas anteriores. Este ano, antes da partida contra a Itália, já estava entre os quatro melhores times do mundo . Outro exemplo é o da Romênia, que jamais havia passado da Terceira Fase. Este ano chegou às quartas-de-final e só não foi mais longe por ter sido eliminada pela Suécia nos pênaltis. Na verdade, o fim do comunismo parece só não ter feito bem à Alemanha, hoje unificada: ficou em quinto lugar, a sua pior colocação em Copas desde 1978.

DEU A BÉLGICA NA CABEÇA

Mesmo sendo eliminada nas oitavas-de-final, depois de um jogo dramático e polêmico contra a Alemanha (2 x 3) — o juiz suíço Kurt Roethhlisberger deixou de marcar um pênalti a favor do time belga quando a partida ainda estava 3 x 1 —a Bélgica é a primeira do ranking da Copa em cabeçadas contra o gol adversário: dos 63 cruzamentos que o time fez, finalizou 14 de cabeça.

Leonardo: treinando pelo grupo

NELSON COELHO

PELO GRUPO, TUDO? TUDO

Se o Brasil confirmar a conquista do tetracampeonato mundial no domingo, o lateral Leonardo terá feito sua parte. Suspenso por quatro jogos depois da expulsão contra os Estados Unidos, o camisa 16 da Seleção ainda treina com o mesmo afinco de antes e trabalhando em conjunto com os companheiros de equipe. "Ainda está de pé o recurso que a CBF enviou à FIFA e tudo pode acontecer", espera Leonardo. A maior demonstração de união do grupo da Seleção, no entanto, é a alegria que o camisa 16 continua demonstrando. "Perdi minha função dentro de campo, mas continuo sendo importante para o ambiente fora dele", alegra-se Leonardo

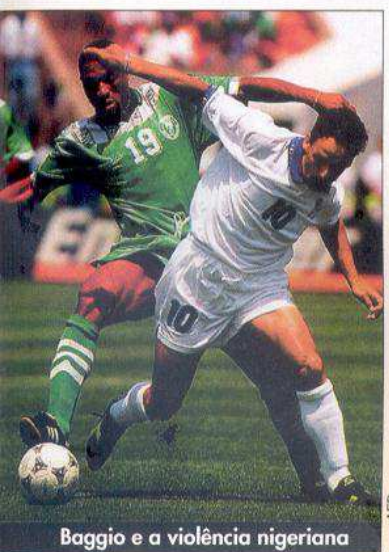
PEDRO MARTINELLI

Os americanos elegeram Zé Carioca verde-amarelo como o símbolo da Seleção Brasileira. O bichinho, que tem o mesmo jeito sonso de Romário, passou por trás de Parreira e do preparador físico Moraci Sant'Anna tão rápido que eles nem repararam

Cafu no gol: literalmente, era só o que faltava

NELSON COELHO

O CURINGA TOTAL

Lateral-direito, lateral-esquerdo, meia, volante, zagueiro, atacante. Em pouco mais de cinco anos de carreira no São Paulo, Cafu jogou em todas essas posições sem reclamar e tendo geralmente um desempenho tão satisfatório que foi convocado por Parreira. Nos treinos da Seleção Brasileira, antes da partida da Semifinal contra a Suécia, Cafu resolveu arriscar ainda mais: pegou as luvas e foi para o gol. Embora tudo não tenha passado de uma brincadeira, até que o curinga mostrou que não faria feio se fosse obrigado a substituir um dos três goleiros numa eventualidade qualquer.

Baggio e a violência nigeriana

AFP

NIGERIANOS SÃO OS REIS DO SARRAFO

Em sua primeira participação em um Mundial, os nigerianos não queriam voltar para casa sem levar dos Estados Unidos um título na bagagem. Como sabiam que ganhar o torneio era façanha muito difícil,os ainda inexperientes africanos resolveram apelar e descer o sarrafo. Em apenas quatro jogos no Mundial, são os recordistas em faltas cometidas: 96 ao todo, o que dá uma média de 24 infrações por partida. A Espanha é a segunda colocada no ranking da FIFA com o mesmo número de faltas, só que com um jogo a mais.

Os holandeses chutaram todas

REUTER

ARTILHARIA PESADA FOI DA HOLANDA

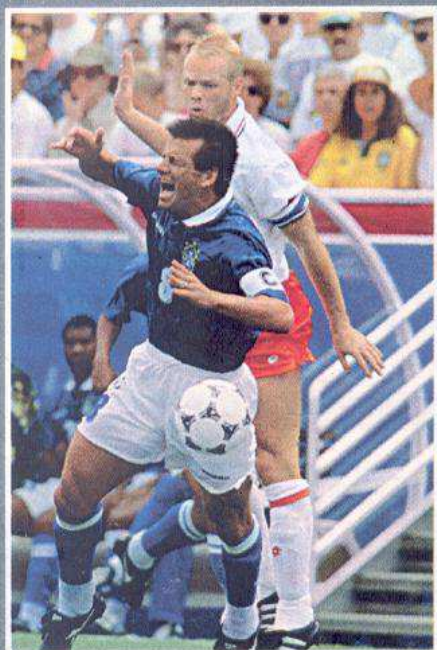
Osl holandeses mostraram que são mesmo bons de chute. Das 24 Seleções que desembarcaram nos Estados Unidos, a Holanda foi a que mais finalizou a gol até as quartas-de-final. Foram 91 tentativas em cinco jogos, o que dá uma média de 18,2 arremates por partida. As estatísticas da FIFA registram: 33 chutes em direção ao gol, 35 tiros desperdiçados e mais 23 bloqueados. A segunda colocada, quem diria, era a já eliminada Suécia, com 86 chutes.

Onde o filho chora e a mãe não escuta

Em jogo valendo título mundial, o campo é uma terra bruta a ser conquistada a golpes de pernas, mãos, joelhos e barrigadas. É bater e ouvir o grito da vítima

Balboa contra o bixim Mazinho
O becão americano Balboa pode ter pinta e nome de lutador de boxe de cinema, mas depois de levar uma legítima pernada pernambucana aplicada por Mazinho soltou seu grito primal: *"What is this, pô?"*

AFP

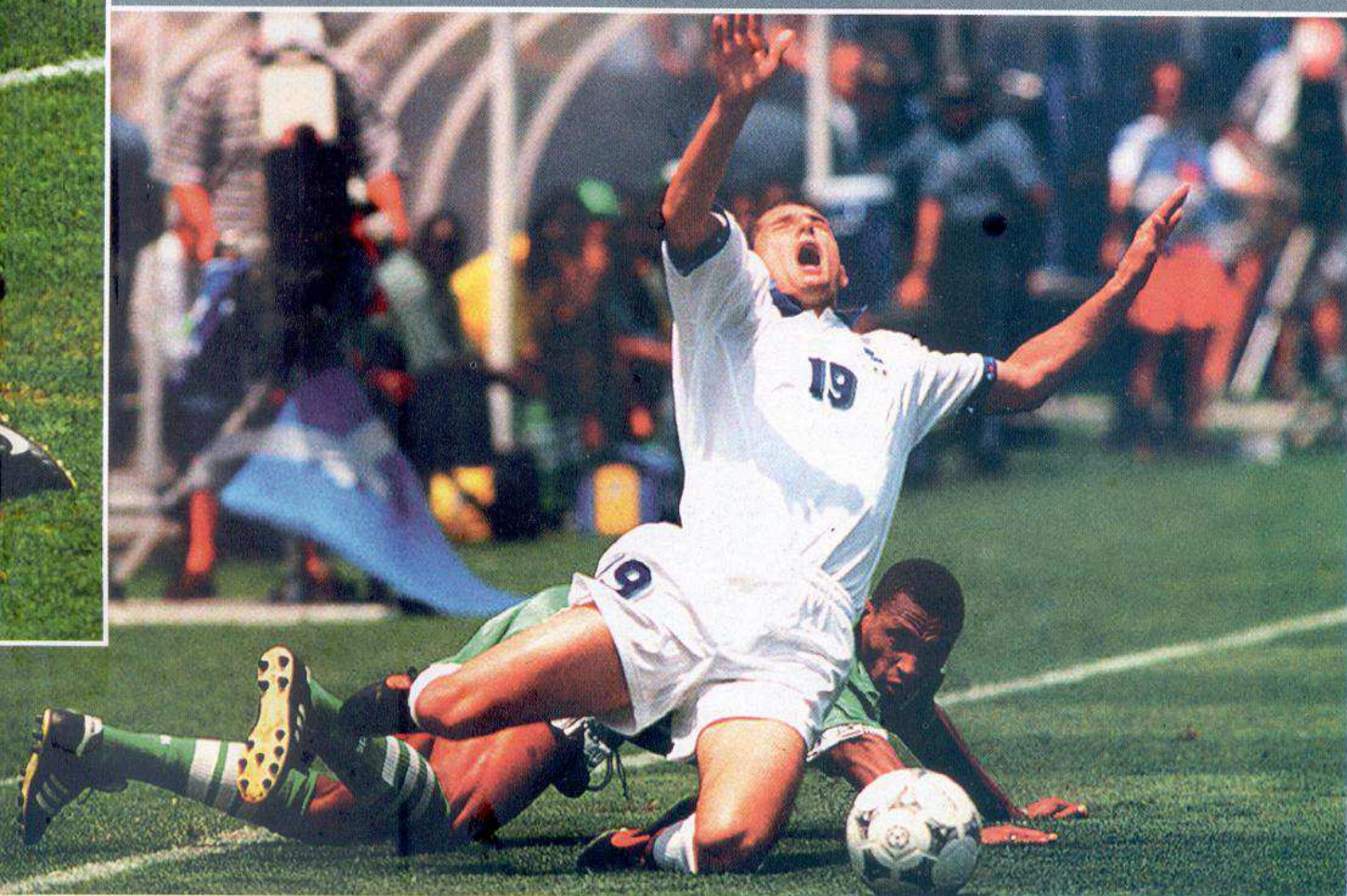
REUTER

Até tu, Dunga?
Quem seria capaz de imaginar ver um dia o nosso Dunga, a nossa invencível divisão Panzer, gritar como um reles mortal? O ex-ministro Antônio "Caiu do Céu" Magri até que poderia ter dito: o Dunga também é um ser humano

AFP

Qué passa, gringo?
O azar de Kostadinov foi ficar entre a bola e os pés suaves do mexicano Ambriz. Ali, onde ele gritou, qualquer um gritava, mas o búlgaro acabou rindo por último, com a vitória do seu time nas cobranças de pênaltis

PEDRO MARTINELLI

Saudades da Sibéria
O russo Gorlukovic é um desses caras que adoram viver perigosamente. Como não paira mais sobre sua cabeça a ameaça de um dia ser deportado para a Sibéria, resolveu trombar com Mauro Silva. Claro que a história terminou como era esperado: ele gritando; Mauro Silva, ileso

AFP

Delicadeza à nigeriana
A Seleção da Nigéria não era de brincadeira: batia tanto que saiu da Copa carregando a má fama de ser o time mais violento do Mundial. Pelo berro, o italiano Massaro assina em baixo

O peso da idade

A maioria dos jogadores brasileiros que tentam tornar real o sonho do tetra no domingo, não voltará a disputar outra Copa. É ser campeão agora ou nunca

Por *Paulo Vinícius Coelho*, de Los Angeles

Tranqüilo, o volante Dunga cruza o saguão do hotel, mas seu olhar é compenetrado, diferente do rosto sorridente de parte dos jogadores da Seleção. O capitão brasileiro sabe que, por causa da idade, provavelmente esta é a sua última Copa e que a chance de se sagrar campeão do mundo é agora. A última chance dele e de outros onze jogadores do atual elenco: Gilmar, Jorginho, Mazinho, Ricardo Rocha, Aldair, Ronaldão, Branco, Raí, Bebeto, Romário e Müller. Mais de um time inteiro que experimentará três dias de angústia até o encerramento da partida final. Porque enquanto o juiz não apitar, encerrando a decisão da Copa dos Estados Unidos eles estarão sobre o fio da navalha: de um lado, a glória do tetra; do outro, o desmoronamento de um sonho que não poderá ser refeito.

"De nossa cabeça, não sai o desejo de vitória", diz o atacante Bebeto. Principalmente porque nove dos doze craques que estão entre a cruz e a espada já sentiram o gosto amargo da derrota. "Nós sabemos o quanto dói uma derrota como a que sofremos para a Argentina em 1990, e não pretendemos passar por isso de novo", afirma Dunga. Naquele time estavam também os laterais Jorginho e Branco, os zagueiros Ricardo Rocha e Aldair, o meia Mazinho e

Aos 35 anos, o goleiro Gilmar disputa sua primeira e última Copa. Com reduzidíssimas chances de jogar, ele apenas torce e espera engrossar seu currículo cheio de títulos

NELSON COELHO

QUANTOS ANOS CADA UM TERÁ EM 1998

Jogador	Idade
GILMAR	39
RICARDO ROCHA	35
BRANCO	34
BEBETO	34
DUNGA	34
RAÍ	33
JORGINHO	33
ZETTI	33
MAZINHO	32
ALDAIR	32
MÜLLER	32
ROMÁRIO	32
RONALDÃO	32
TAFFAREL	32
ZINHO	31
MAURO SILVA	30
VIOLA	29
PAULO SÉRGIO	29
LEONARDO	28
MÁRCIO SANTOS	28
CAFU	28
RONALDO	21

NELSON COELHO

Jorginho e Dunga são remanescentes de 1990. O lateral tem 29 anos e o volante 30. Apesar de serem donos de dois dos melhores preparos físicos da Seleção, jogar a Copa de 1998 é um sonho distante

PEDRO MARTINELLI

Aos 29 anos, Raí disputa a primeira e última Copa buscando o título que seu irmão Sócrates tentou duas vezes

PEDRO MARTINELLI

Titular da zaga antes do seu segundo Mundial, Ricardo Rocha, 31 anos, se contundiu e fica à espera de entrar em campo para dar a volta olímpica

os atacantes Bebeto, Romário e Müller, sendo que este último, assim como Branco também sofreu com a derrota para a França, na decisão por pênaltis, no Mundial de 1986.

Talvez por isso, a Seleção tenha a marca da seriedade. Ninguém pareceu se abalar com as críticas que desabaram depois dos primeiros jogos. "A vontade de ganhar está muito acima de prêmios ou qualquer outra coisa", assegura o goleiro Gilmar, o mais velho do grupo, com 35 anos. "Só a palavra tesão define o que os jogadores sentem."

A vontade dos mais velhos de conquistar o título acabou por contagiar o elenco inteiro. "Não são só os mais velhos que têm gana pela vitória", conclui o goleiro Zetti que, aos 29 anos, ainda sonha em disputar a Copa do Mundo da França, em 1998. "Pelo que vejo nos outros jogadores, não acho difícil que mesmo os veteranos participem de mais um Mundial."

Mesmo assim, o receio de encerrar a carreira sem erguer o caneco é uma das armas da Seleção de Carlos Alberto Parreira para a decisão do título no domingo. Curiosamente, era também o que acontecia com a Seleção de 1970, que tinha o time titular com idade média de 26,2 anos. Na época, dos onze, oito jogadores disputaram sua última Copa — desses, Clodoaldo ficou fora em 1974 por contusão e Tostão encerrou a carreira prematuramente. E o time apresentava a mesma gana de vitória que a Seleção atual, cujos titulares têm a idade média de 28 anos.

"Queremos encerrar nossa carreira com chave-de-ouro", propõe o zagueiro Ronaldão, convocado na última hora, depois do corte de Ricardo Gomes. "Gosto da responsabilidade e são esses jogos que temos de jogar com toda seriedade", assegura o lateral Branco. Palavras que poderiam ter saído da boca de qualquer jogador brasileiro. Sinal de que a torcida não precisa se preocupar com uma eventual tremedeira da Seleção na partida que vale o tetra.

NELSON COELHO

O endiabrado Romário, 28, já avisou: encerra a carreira aos 30, dois anos antes da próxima Copa

NELSON COELHO

Apesar da cara de garoto, Bebeto já chegou aos 30 anos. Disputa sua segunda Copa que, já adiantou, será mesmo a última da carreira

NELSON COELHO

Branco, 30 anos, jogando seu terceiro Mundial, espera ser campeão depois das decepções que teve em 1986 e 1990

TABELÃO

Obs.: *os números entre parênteses são os das camisas dos jogadores*

QUARTAS-DE-FINAL

JOGO C — 9/julho/94
ITÁLIA 2 X ESPANHA 1
Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 54 605; **Gols:** Dino Baggio 26 do 1º; Caminero 13 e Baggio 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Abelardo e Caminero
ITÁLIA: (1) Pagliuca, (9) Tassoti, (4) Costacurta, (5) Maldini e (3) Benarrivo; (16) Donadoni, (11) Albertini ((20) Signori, intervalo), (13) Dino Baggio e (10) Baggio; (15) Conte ((14) Berti 20 do 2º) e (19) Massaro. **Técnico:** Arrigo Sacchi
ESPANHA: (1) Zubizarreta, (2) Ferrer, (5) Abelardo, (20) Nadal e (3) Otero; (18) Alcorta, (12) Sergi ((19) Salinas 14 do 2º), (7) Goicoechea e (10) Bakero ((6) Hierro 19 do 2º); (15) Caminero e (21) Luis Enrique. **Técnico:** Javier Clemente

JOGO D — 9/julho/94
BRASIL 3 X HOLANDA 2
Local: Cotton Bowl (Dallas); **Juiz:** Rodrigo Badilla (Costa Rica); **Público:** 63 998; **Gols:** Romário 6, Bebeto 16, Bergkamp 18, Winter 30 e Branco 36 do 2º; **Cartão amarelo:** Winter, Dunga e Wouters
BRASIL: (1) Taffarel, (2) Jorginho, (13) Aldair, (15) Márcio Santos e (6) Branco ((14) Cafu 45 do 2º); (5) Mauro Silva, (8) Dunga, (9) Zinho e (17) Mazinho ((10) Raí 35 do 2º); (7) Bebeto e (11) Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
HOLANDA: (1) De Goeij, (20) Winter, (18) Valckx, (4) Koeman e (5) Rob Witchge; (3) Rijkaard ((9) Ronald de Boer 19 do 2º), (6) Wouters e (8) Jonk; (7) Overmars, (10) Bergkamp e (19) Van Vossen ((11) Roy 8 do 2º). **Técnico:** Dick Advocaat

JOGO B — 10/julho/94
BULGÁRIA 2 X ALEMANHA 1
Local: Giants Stadion (Nova Jersey); **Juiz:** José Joaquím Torres (Colômbia); **Público:** 72 416; **Gols:** Mathäus (pênalti) 3, Stoichkov 31 e Lechkov 33 do 2º; **Cartão amarelo:** Helmer, Wagner, Ivanov, Hassler, Klinmann, Stoichkov, Mikhailov e Völler
BULGÁRIA: (1) Mikhailov, (16) Kiriakov, (3) Ivanov, (6) Yankov, (5) Hubchev e (4) Tzvetanov; (10) Sirakov, (9) Lechkov, (20) e Balakov; (7) Kostadinov ((14)Genchev 44 do 2º) e (8) Stoichkov ((13) Yordanov 39 do 2º). **Técnico:** Dimitar Penev
ALEMANHA: (1) Illgner, (14) Berthold, (4) Kohler, (10) Mathäus, (5) Helmer e (17) Wagner ((2) Strunz 13 do 2º); (6) Buchwald, (7) Möller e (8) Hassler ((3) Brehme 37 do 2º); (13) Völler e (18) Klinsmann. **Técnico:** Berti Vogts

JOGO A — 10/julho/94
ROMÊNIA 1 X SUÉCIA 1
Local: Stanford Stadion (São Francisco); **Juiz:** Phillip Don (Inglaterra); **Público:** 81 715; **Gols:** Brolin 34 e Raducioiu 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Popescu, Selymes, Panduru, Ingesson e Schwarz; **Expulsão:** Schwarz 12 do 1º da prorrogação
ROMÊNIA: (1) Prunea, (2) Petrescu, (4) Belodedici, (3) Prodan e (5) Lupescu; (6) Popescu, (13) Selymes, (7) Munteanu ((15) Panduru 38 do 2º) e (10) Hagi; (9) Raducioiu e (11) Dumitrescu. **Técnico:** Anghel Iordanescu
SUÉCIA: (1) Ravelli, (2) Roland Nilsson, (4) Bjorklund ((14) Kamark 38 do 2º), (3) Andersson e (5) Ljung; (6) Schwarz, (18) Mild, (8) Ingesson e (11) Brolin; (10) Dahlin ((7) Henrik Larsson, intervalo da prorrogação) e (19) Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svensson

Obs.: *Na prorrogação,* ***Romênia 1 x*** *(Raducioiu 11 do 1º);* ***Suécia 1*** *(Kennet Andersson 9 do 2º). Nos pênaltis,* ***Romênia 4*** *(Raducioiu, Hagi, Lupescu e Dumitrescu) x* ***Suécia 5*** *(Kennet Andersson, Brolin, Ingesson, Roland Nilsson e Henrik Larsson). Pela Romênia, perderam Petrescu e Belodedici; pela Suécia, perdeu Mild*

Com esses resultados, **Itália**, **Brasil**, **Bulgária** e **Suécia** classificaram-se para as semifinais.

ARTILHEIROS

Salenko (Rús) **6**; Klinsmann (Ale) e Stoichkov (Bul) **5**; Batistuta (Arg), Romário (**Bra**), Raducioiu (Rom), Kennet Andersson e Dahlin (Sué) **4**; Bebeto (**Bra**), Caminero (Esp), Bergkamp (Hol), Baggio (Itá) e Hagi (Rom) **3**; Völler (Ale), Amin (AS), Caniggia (Arg), Albert (Bél), Lechkov (Bul), Valencia (Col), Hong Myung Bo (CS), Goicoechea (Esp), Jonk (Hol), Dino Baggio (Itá), Luis García (Méx), Amunike e Amokachi (Nig), Dumitrescu (Rom), Brolin (Sué) e Knup (Suí) **2**; Mathäus e Riedle (Ale), Gushaian, Owairan e Jaber (AS), Balbo e Maradona (Arg), Grun e Degryse (Bél), Erwin Sánchez (Bol), Márcio Santos, Branco e Raí (**Bra**), Sirakov e Borimirov (Bul), Embe e Oman-Biyk (Cam), Gaviria e Lozano (Col), Seo Jung Won e Hwang Sun Hong (CS), Hougton e Aldrigde (Eire), Hierro, Guardiola, Luis Enrique, Salinas e Beguiristain ((Esp), Wynalda e Stewart (EUA), Winter, Taument e Roy (Hol), Massaro (Itá), Nader e Chaouch (Mar), Bernal e García-Aspe (Méx), Siasia, Finidi e Yekini (Nig), Rekdal (Nor), Petrescu (Rom), Radchenko (Rús), Ljung (Sué), Bregy, Alain Sutter e Chapuisat (Suí) **1**

EXPULSÃO

Cristaldo e Echeverry (Bol), Leonardo (**Bra**), Tzvetanov e Kremenliev (Bul), Song (Cam), Nadal (Esp), Clavijo (EUA), Pagliuca e Zola (Itá), Luis García (Méx), Vladoiu (Rom), Gorlukovic (Rús) e Schwarz (Sué) **1** vez

ARTILHEIRO NEGATIVO

Escobar (Col) **1** vez

CARTÃO AMARELO

Ivanov (Bul), Caminero (Esp) e Wouters (Hol) **3**; Helmer, Wagner, Effenberg e Klinsmann (Ale), Amin e Muwallid (AS), Cáceres (Arg), Baldivieso (Bol), Valderrama (Col), Yong Il Choi (CS), Irwin e Phelan (EIRE), Ferrer e Abelardo (Esp), Clavijo e Harkes (EUA), Mitropoulos (Gré), Winter e Koeman (Hol), Naybet (Mar), Suárez, Del Olmo, García-Aspe e Luis García (Méx), Emenalou e Oliseh (Nig), Haland (Nor), Selymes e Raducioiu (Rom), Nikiforov e Khlestov (Rús), Dahlin (Sué) e Subiat (Suí) **2**; Kohler, Möller, Hassler, Brehme e Völler (Ale), Al Deayea, Madani, Al Dosari, Jawad, Jebrin e Falatah (AS), Ruggeri, Chamot, Redondo, Caniggia e Batistuta (Arg); Borkelmans, Grun, Smidts, Albert e Scifo ((Bél), Quinteros, Soria, Cristaldo, Rimba e Borja (Bol), Jorginho, Aldair, Mauro Silva, Mazinho e Dunga (**Bra**), Mikhailov, Tzvetanov, Kiriakov, Kremenliev, Hubchev, Sirakov, Yankov, Balakov, Yordanov, Borimirov, Lechkov e Stoichkov (Bul), Songo'o, Tataw, Kalla, Mbou e Kama-Biyik (Cam), Herrera, Álvarez, Gaviria e De Avila (Col), Jung Bae Park, Shin Hong Gi, Ko Jeong Woon e Kim Joo Sung (CS), Keane, Hougton e Kelly (EIRE), Camarasa, Otero, Luis Enrique, Goicoechea, Hierro e Salinas (Esp), Lalas, Dooley e Tab Ramos (EUA), Manolas, Kalitzakis, Tsalouchidis, Chantzidis, Karayannis e Alexudis (Gré), Van Gobbel, Frank de Boer, Witschge, Jonk, Rijkaard e Bergkamp (Hol), Costacurta, Albertini, Dino Baggio, Massaro, Casiragui e Signori (Itá), El Haudrioui, Azzouzi, Daoudi, Samadi, El Khalej, Hababi, Bouiyboud e Nader (Mar), Ramón Ramírez e Jorge Campos (Méx), Nwanu, Eguavon, Keshi, Mutiu e Amunike (Nig), Johnsen, Bjornebye, Leonhardsen e Sorloth (Nor), Mihali, Belodedici, Popescu, Lupescu, Petrescu, Hagi e Dumitrescu (Rom), Kharin, Gorlukovic, Kuznetzov e Karpin (Rús), Roland Nilsson, Ljung, Schwarz, Mild, Thern, Ingesson e Kennet Anderson (Sué), Herr, Pascolo, Hottiger, Bregy, Studer e Knup (Suí) **1**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR SUPERINTENDENTE DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Edvard Ghirelli
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Luiz Gabriel Rico

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Sebastião Silva
ATENDIMENTO AO LEITOR: Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
DIRETOR DE SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS: Pedro Martinelli
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa